



## Uma obra de traição contra as regalias populares

O povo, esse povo tão desdenhado pelos aristocratas e tão esquecido pela maioria dos historiadores, raras vezes se bateu por fórmulas empíricas, vazias de ideias—nem elas tão pouco nunca tiveram o condão de entusiasmar. A afirmação de que tanto se tem abusado, segundo a qual o povo é republicano, é monárquico ou não é coisa nenhuma, é falsa como Judas. Essas fórmulas e essas designações sempre lhe foram indiferentes. Com um instinto maravilhoso tem-nas desprezado, desde que elas deixaram de corresponder a antagonismos acentuados e bem definidos.

E a Revolução Francesa? Não anula a nossa afirmação: o povo bateu-se pela república porque ela, nessa época, estava identificada com a liberdade. E a elle se deve que a Revolução Francesa, revolução eminentemente popular, fosse mais alguma coisa do que uma mudança aparente de regime político e uma substituição de clientelas. Dela só ficou aquilo que o povo, com o seu esforço heroico, construiu; ela só deitou abaixo aquilo que o povo, no seu ódio pela iniquidade, derrubou. O resto desapareceu. Os Robespierre, os Danton e os Desmoulins tombaram na guilhotina, vítimas das suas pueris discórdias e das suas enfáticas opiniões, e contudo, ficaram de pé principios que nem a traição e a tirania de Napoleão nem as restaurações monárquicas que lhe sucederam, nem tão pouco a conjura reaccionária internacional— a Santa Aliança — inspirada pelo maquiavelismo político de Metternich, conseguiram aniquilar.

O maior princípio proclamado na Revolução Francesa foi a declaração dos direitos do homem, que ficou não no célebre documento da Convención, mas na alma popular.

Esse princípio, que é grande, que é imortal, base de todas as lutas, sintese máxima de todas as aspirações humanas, uma só palavra chega para o designar— a liberdade.

Com essa afirmação, a tirania política e económica recebeu um golpe rude e entrou numa franca decadência; iniciou sua marcha, irreprimível e fatal, para a morte.

Depois disso, a questão do regime monárquico e a questão do regime republicano, tornaram-se questões secundárias. Nunca mais uma monarquia ousou tornar-se declaradamente absoluta e afirmar-se baseada no monstruoso direito divino. Monarquias e repúblicas tiveram, para se manter de fazer concessões à liberdade, reconhecendo ao povo o direito de existir com o receio de que este as não deixasse perdurar.

No dia em que o povo se cansou de ser ludibriado e que começou reclamando a liberdade pela qual

durante séculos se batera, a luta reacendeu-se com mais encarnhamento e surgiu com exageros epilépticos as diversas reações nacionalistas que transitóriamente, e à custa das mais atrozes violências, alcançaram o mais teatral e o mais efêmero dos triunfos.

\*\*\*

O povo é, neste país, nitidamente contra a restauração da monarquia. Por republicanismo? Não. O povo compreendendo que o triunfo da restauração monárquica o despojaria das regalias e das liberdades que conquistou mostra-se disposto a opôr-se, com toda a sua energia, a uma tentativa política dessa natureza que considera a maior provocação e a maior afronta aos direitos que immortalizou com o seu sangue.

Os monárquicos sabem que o seu objectivo político é extremamente impopular e incapaz, devido a isso, de ter qualquer probabilidade de sucesso. Monsanto e a Traulitânia do Pórtico são ainda lições bem recentes e concludentes!

Preditamente pois a surpresa, a traição, o chamado golpe das apaches. Visa a esmagar o povo, passando por cima dele, depois, de antecipadamente o terem manietado pelo ludibriio. A-pesar-de toda a sua habilidade, admiravam-nos servida por uma arrepiante falta de escrúpulos, estão perdendo terreno. Seu sonho vai-se dissipando à medida que os dias decorrem sobre a famosa circular em que o talassista Fernando Pizarro pedia aos correligionários dinheiro para custear as despesas dum crime nefando e dum atentado ignominioso contra um povo que dá a sua vida em troca da Liberdade.

Desmascarados pelos seus mais visíveis manejos, desconcertados pelo terreno perdido, tiveram de falar uma linguagem mais clara, que tem, felizmente, o mérito de creujardar os seus fins. O jesuítico Fernando de Sousa, director de *A Voz*, vem cotidianamente gritando que a Ditadura Militar deve ser contra os partidos e à margem de toda a política. Mas, não serão os monárquicos, um partido? Toda essa fraseologia oculta o seu objectivo que não é de guerra aos partidos, mas de guerra à liberdade, à liberdade que seria, com a implantação do seu regime, o mito dos mitos.

Preguntam ao povo em face destes manejos, que altitude tomou. E não se assustem por não ouvirem a sua voz. O seu silêncio é uma acusação, o seu silêncio só cessará quando ele julgar decisiva a sua opinião—mas, nesse dia, onde estará a voz bastante forte, bastante poderosa, que ouse suplantar a sua?

### O NOSSO REAPARECIMENTO

#### Novas e entusiásticas saudações à "Batalha"

Continuam afluindo à nossa redacção mais entusiásticas saudações à *Batalha* pelo seu reaparecimento que vêm acompanhadas de palavras de incitamento à obra que há sete anos iniciamos a defesa dos legítimos interesses dos que trabalham.

«Esta linha marca, definitivamente, o progresso de Reguengos».

Raras vezes uma frase pode resumir tanta coisa e raras vezes uma frase poderia deslumbrar tanto os reguengenses, e nós, pela admiração forte e industrial que elas nos produziram.

#### Para os presos

A junta de freguesia do Beato resolveu, por unanimidade, distribuir em subsídios a quantia de 8.900 escudos. Dessa verba foram-nos enviados 200 escudos para os nossos pobres. Nós não temos os nossos pobres e por isso distribuiremos a quantia referida pelos presos por questões sociais.

#### Agradecemos

O semanário argentino *Verbo Nuevo*, que propugna ideias anarquistas, transcreveu em dois dos seus últimos números, chegados a Lisboa, dois artigos do nosso camarada Ferreira de Castro, ácera de «A Arte e a Vida», os quais foram publicados no suplemento de *A Batalha*. Nesses artigos, o seu autor flagelava a literatura branca que procura exaltar os seus ridículos preconceitos, e a transcrição de *Verbo Nuevo* mostra bem não só que as ideias de Ferreira de Castro encontram eco na consciência proletária como a expansão do nosso jornal.

#### Inauguração de um ramal ferroviário

Com a representação do elemento oficial inaugurou-se anteontem o novo ramal ferroviário que liga Evora a Reguengos.

### A PAZ ARMADA...

#### Os povos devem preparar-se para impedir que se desencadeie uma nova guerra

Estamos sob a ameaça de uma nova guerra como o comprovam a reação nacionalista desencadeada em vários países e a pressa febril como várias nações se estão armando. A Sociedade das Nações, organismo destinado a substituir pela arbitragem dos conflitos armados, após alguns anos de vida ingloriosa entrou na agonia.

Desde há muito que prevímos o seu fracasso, pois sendo nas sociedades modernas o direito alicerçado na força a Sociedade das Nações só poderia impôr o direito de que possuise a força capaz de o assegurar. Vém-se na questão da Grécia: a Itália saiu por cima do tal organismo internacional e dispersou os canhões dos seus couraçados sobre terras indefesas,—e ficou impune. Todos os outros países ou imitaram a Itália se tinham força para isso ou submeteram-se, esmagados pela pata férrea das suas reacções, mas grau das guerras que ainda pode suscitar vai nitidamente, perdendo terreno. Os hábitos e os costumes dos povos vão-se universalizando, o mesmo sucede com as descobertas da ciência e com as correntes de ideias, as quais possuem um tal força de expansão que rápidamente dão a volta ao mundo. O ódio de raças entra já nos domínios das tradições odiosas. Só restam de pé os antagonismos capitalistas cada vez mais divergentes e cada vez mais inconciliáveis. Eles mantêm as fronteiras, cultivam artificialmente o ódio entre povos, a fim de combatê-los todos a ideia de paz universal que podendo ser o prolongamento da sua existência, ameaça, por outro lado, ruir o seu poderio. A guerra, é, pois, uma consequência da sociedade capitalista porque se converte para ela numa necessidade vital.

Aos povos compete o prepararem-se para deixarem de ser as eternas vítimas de rivalidades que nada tem com os seus interesses e com o seu destino. Parece-nos que os 15 milhões de cadáveres da última guerra constituem uma lição trágica que não deve ser esquecida. Oxalá que ela tenha o condão de abrir na sua consciência uma nova luz própria do advento dum era fecunda que regenera o gênero humano e a realibilita a vida de tanto ódio, de tanta torpeza, de tanto crime!

“A Batalha” no Funchal vende-se no BUREAU DE LA PRESSE

### A CHINA EM GUERRA

#### Os objectivos da política nacionalista

O grito estentoreo de Cantão sobreposta devemá o imperialismo ocidental. O triunfo nacionalista logo começou ameaçando o poder militar e a influência política das potências e pondo em jogo os formidáveis interesses do grande capitalismo. Cantão proclamou que «a China seria para os chineses» e, como o Ocidente não o queria atender, a guerra vai prosseguir o seu caminho de crueldades e torpezas.

O governo de Pequim, aliado das potências usurpadoras, ante a derrota dos generais reaccionários, tradicionais ou bandoleiros, ficou desautorizado. Agora, é Cantão que governa contra a má-vontade e a ambição dos estrangeiros.

A grande revolução chinesa, que ora vai

Tem-se clamado o carácter bolchevista da revolução chinesa. Confunde-se, assim, vários pontos do programa cantonense com os aspectos de um novo sistema político que a Rússia teve de inaugurar. A civilização ocidental não quer atender a evolução feita no mundo e pretende subsistir a decadência dos velhos processos económicos e políticos, opondo-se às ideias do século. As modernas concepções facilitam o triunfo dos nacionalismos e derrubam todas as tradições políticas. Nesses tempos revolto, há uma força que procura conciliar as reivindicações de uma nação com as reivindicações da massa popular. Assim, foi na Rússia e vai ser na China.

E' por isso que a diplomacia chinesa não desdenha o concurso da Rússia; destra nação nada tem a reaver, enquanto as outras potências, especialmente o Japão, constituem perigos futuros ao desenvolvimento da nação.

A imprensa europeia, intrigando com a semelhança de características da revolução chinesa da China e do regime bolchevista da Rússia, deturpa proposidamente os acontecimentos, com o fim de iludir a opinião mundial, mas não vendo que esse jogo pode ser de gravíssimas consequências para a própria civilização do oriente.

A-pesar-de tudo, podemos afirmar que esse projeto representa um retrocesso na legislação inglesa. Segundo as nossas informações, o projeto compreende cinco pontos: 1.º Illegitimidade da greve geral e das greves de solidariedade, sem notificação prévia; 2.º Responsabilidade dos que nelas participem; 3.º Proibição de colocar grupos de vigilância junto das casas dos caminhos e nas proximidades de oficinas, fábricas, etc.; 4.º Proibição aos sindicatos de funcionários públicos de unir-se a outras Trade-Unions; 5.º Obrigação, para todo o sindicato, de firmar uma declaração, pela qual autorize expressamente o seu sindicato a empregar as suas cotas para fins políticos...

O presidente cedeu, enfim, elaborando um projeto de lei, que, no entanto, a-pesar-de ser um verdadeiro ataque ao operariado inglês, ainda é considerado um pálido reflexo dos desejos conservstantistas.

A-pesar-de tudo, podemos afirmar que esse projeto representa um retrocesso na legislação inglesa. Segundo as nossas informações, o projeto compreende cinco pontos: 1.º Illegitimidade da greve geral e das greves de solidariedade, sem notificação prévia; 2.º Responsabilidade dos que nelas participem; 3.º Proibição de colocar grupos de vigilância junto das casas dos caminhos e nas proximidades de oficinas, fábricas, etc.; 4.º Proibição aos sindicatos de funcionários públicos de unir-se a outras Trade-Unions; 5.º Obrigação, para todo o sindicato, de firmar uma declaração, pela qual autorize expressamente o seu sindicato a empregar as suas cotas para fins políticos...

Não cessaram os conflitos com os japoneses

HANKOW, 6—A situação agravou-se de momento a momento. Declararam-se em greve 200 operários. As forças japonesas quando desbarcavam viram-se forçadas a abrir fogo contra a multidão matando grande número de chineses. As baixas nipónicas foram de doze mortos e centenas de feridos excepto os capturados. (L.)

Na zona de Xangai

Os estrangeiros reforçam a defesa

XANGAI, 6—Esperam-se graves acontecimentos em North Synta. As forças estrangeiras estão-se concentrando em Tientsin. Aguarda-se, a chegada de mais um contingente de 1.500 homens de marinha inglesa. A defesa da concessão da França foi reforçada com uma companhia ananita. (L.)

O espectro de Pequim

O que se diz e se faz a dentro da muralha chinesa

PEQUIM, 6—Por ordem do marchal Tchang-Tse-Lin, a polícia fez uma busca na embaixada soviética, capturando 3 chineses e três russos e apreendendo armas e documentos importantes.

As notas enviadas pelas potências a Pequim não foram entregues ao gabinete cantonense, visto não existirem relações oficiais entre os dois governos. (L.)

A guerra das potências

Perseguição a um deputado comunista

PARIS, 6—O governo apresentou à câmara dos deputados o pedido de autorização para proceder juridicamente contra o deputado Doriot, em virtude da sua propaganda anti-francesa na China.

O pedido baixou à respectiva comissão, que sórdele se pronunciaria. Por ocasião da apresentação o sr. Renaud declarou que o partido comunista francês se solidarizou com o movimento anti-europeu da China, estigmatizando em seguida o procedimento

### SITUAÇÃO GRAVE

#### A falta de trabalho, agravada com a carestia da vida, tornou bastante difícil a existência dos que trabalham

Que a vida sobe de preço, que os géneros se vendem mais caros e adulterados sabem-nos todos os que não são ricos e que não são comerciantes. A carestia da vida não é dos nossos dias. Nasceu com a sociedade e só desaparecerá quando a sociedade perecer.

\*\*\*

A sociedade burguesa não consegue, depois da conflagração mundial, engendrar uma forma de equilíbrio que lhe permita restabelecer-se do abalo sofrido. Cada vez as fronteiras se vão tornando mais embarradas e mais impraticáveis, visto que não se conciliam com o internacionalismo, isto é, com a tendência que se observa em todos os povos para a unidade humana, luta entre o espírito nacionalista e o internacionalista é incessante e o primeiro, mais grau suas bruscas reacções, mais grau das guerras que ainda pode suscitar vai nitidamente, perdendo terreno. Os hábitos e os costumes dos povos vão-se universalizando, o mesmo sucede com as descobertas da ciência e com as correntes de ideias, as quais possuem um tal força de expansão que rápidamente dão a volta ao mundo.

Setúbal, a cidade outrora tão rica, quando a costa era rica de sardinhas, atravessa uma situação de miséria. Há fome por todos os cantos. As duas principais indústrias—piscatória e conservera—estão paralisadas.

Com a paralisação das duas indústrias, paralisou a vida industrial e comercial da cidade do Sado. Pediram-se providências, reclamaram-se medidas. E todavia o que vimos? Alguns cavalheiros pretendem explorar com a situação, julgando o momento azado para reduzir os salários e prejudicarem o descanso semanal e o horário de trabalho.

Ainda num dos últimos números do jornal *A Indústria*, da Secção dos Fabricantes de Conservas, um cavalheiro chamado Silva, fala como planta silvestre o direito ao descanso semanal e ao horário de trabalho, a pretexto da natureza da indústria que só a sua mediocridade inventou.

Medidas inteligentes, atinentes a debelarem o terrível flagelo, não saem desses pequenos cerebros, que só albergam idéias tacanhas e coercitivas.

Agora, que se fala num estudo à situação de Setúbal, era conveniente que se observasse os verdadeiros fenômenos da miséria que lava pela cidade que não são, nem de longe nem de perto, os que o articolista *d'A Indústria* com tanta infelicidade aponhou. E' por isso que se fala em todo o mal estar que em todo o país se nota, mal estar proveniente da sua situação económica e do carregado ambiente que o cerca.

Dai resultar o mal estar que em todo o país se nota, mal estar proveniente da sua situação económica e do carregado ambiente que o cerca.

### NO REGIME CAPITALISTA

#### Os conservadores ingleses desencadeiam uma ofensiva contra as organizações operárias

LONDRES, 1 DE ABRIL—O sr. Baldwin, primeiro ministro inglês, vai apresentar ao parlamento a tão ansiada lei sobre as Trade-Unions. A verdade é que já os conservadores mais insatisfeitos vinham censurando o sr. Baldwin pela sua vacilação em traduzir em factos o desejo tantas vezes por elas manifestado. As "stories" pediam a Mister Baldwin uma série de medidas, que consideravam energéticas e, porventura, radicais, contra as associações operárias.

O presidente cedeu, enfim, elaborando um projeto de lei, que,

## O JOGO

Rasoável e legalmente deve procurar-se desarrigar do ânimo do povo a paixão desregada do jogo, em que o ganho ou a perda depende exclusivamente da sorte, principiando-se pela abolição das lotarias, jogo público tão funesto com o qual ganha sempre o governo e perde o povo.

O jogo é a mais nociva das ocupações. O jogador, preso à banca do jogo, com prejuízo da saúde, nem tempo tem de satisfazer as suas necessidades naturais, absorvido por él esquece-se até dos seus deveres sociais e domésticos.

O jogo é o mais improíbido dos trabalhos. (2).

O jogador, não empregando o seu tempo em trabalho útil e proveitoso, nada produz em benefício próprio, da família e do estado, em nada aumenta a fazenda pública e particular.

Incontestavelmente o jogo faz a desgraça das famílias e o menos que se perde nela é o dinheiro, e não pode deixar de ser assim. Pelo jogo, contrários são todos os vícios: pelo jogo as distrações rápida e sucessivamente se transformam em vícios, dos vícios em crimes, do crime em atentados.

O jogo é o culto de uma divindade impia, que primeiro pede dinheiro, depois bens, depois a honra, depois a família, depois a vida, e finalmente, à alma, é um fanatismo que conduz sua vítima crédua e confiada por entre caminhos bordados de flores para despemá-la em medonho precipício ao som da estrondosa gargalhada.

O jogo é o círculo vicioso da esperança, o infinito da cobiça, o ídolo do bezerro fundido com o dote das filhas, com a joia das esposas; é o despotismo horrível do acaso.

O jogador perde a primeira parada, perde a segunda, espera a terceira; perde a terceira, espera a quarta e esperará a quinta, se quinta houver, e só desaparece a esperança quando finda o jogo.

Por que joga o jogador? Será porque, como o avarento, tenha amor ao dinheiro? Ninguém é mais prodigo do que o jogador; tira da banca, onde o dinheiro é para ele uma divindade, ninguém o despreza mais.

O jogador joga pelo prazer de jogar, como o caçador pelo prazer de caçar.

São as comócos pungentes e desordenadas—receita, o ódio, a esperança à sorte—que deixam o jogador.

Banca de jogo! Mercado horrível, sorvedouro imenso dos patrimónios das famílias, dos capitais das indústrias, de todas as riquezas do corpo e do espírito! A carta, se como a alavanca do Arquimedes levanta em um momento fortunas colossais, no mesmo instante tamem as destrói.

Que sensações, que anciiedades, que sustos, que sobressaltos não se sentem à roda daquela, pequena miséria! Jogam ali as fortunas de mão em mão; jogam as tristezas e alegrias de semelhante em semelhante; jogam as iras do coração em coração; jogam os sarcasmos pungentes de bôca em bôca; joga a sorte; joga o acaso, joga o demônio.

Ali não há razão, nem direito, justiça nem injustiça; as sentenças da sorte não têm apelação. Não há no mundo praça de comércio com maior movimento, nem teatro com scènes mais variadas do que uma banca de jôgo; o que ali se perde é o tempo, é a honra, é a dignidade, é o socorro do espírito, é a saudade, é a paz doméstica que é tudo na vida.

O jogador vive sómente em quanto joga. Para ele só há uma ideia, um sentimento, um amor, uma paixão—o jogo. Oh! Como a sua respiração se suspende, como a sua lingua se emudece, como ele se aniquila desportos desse número ou carta que o deve fazer feliz por instantes, ou desgraçado por toda a vida! Ida dizer-lhe que sua casa está a arder; que sua filha idolatrada, em sua esposa carinhosa está a morrer; nem sequer vos ouvirá. E não há que admirar os espíritos não cuvem.

As raras alegrias do ganho não compensam as angústias e terrores da perda. O dinheiro baixa de valor quando se ganha e sobe quando se perde; o dinheiro que se ganha esquece-se, o que se perde é mil vezes chorado.

O jogador que ganha não é feliz, o que perde é um desgraçado; o ganho não tem história, nem arte, a perda tem os factos e sua crítica. O jogador que perde examina se jogou bem ou mal, critica as suas paradas, tira conclusões idiôticas.

O sono do jogador infeliz, é atraso. Em sonho vê fantasmas e visões: vê a sorte, sua carta favorita, que lhe fez perder vinte paradas; vê o agiota que vem exigir o pagamento de uma dívida; vê o criado que vem pedir dinheiro para as despesas do dia; ouve a mulher censurar-lhe o procedimento; ouve os filhos chorando de fome; tudo persegue o desgraçado. O desespero desse sono é ainda pior, é a realidade triste pelos seus negros e tenebrosos quadros. Oxalá pudesse ele nunca acordar!

## Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

## CONSULTAS JURÍDICAS

O advogado deste secretariado dr. Campos Lima, dará hoje às 21 horas na Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil consultas aos operários confederados mediante a apresentação da cédula federal em dia.

## INSTRUÇÃO

## Liga de Ação Educativa

Programa mínimo e imediato da Liga de Ação Educativa. Assuntos a estudar pela Comissão de Estudos e restante Conselho Geral:

a) falta de ideologia educativa do nosso ensino; b) carência de seqüência entre os vários graus de ensino; c) recrutamento de pessoal ensinante; d) como deve ser a escola portuguesa desde o ensino infantil ao superior; e) extinção das primárias portuguesas e do ensino primário complementar; f) professores sem colação; g) edifícios escolares; h) atraso de pagamentos, arrendamentos e subsídios; i) bibliotecas infantis, pedagógicas e populares; j) embelezamento, higiene e assistência das cidades, vilas e aldeias; l) ofertas de escolas ao Estado; m) escolas ao ar livre; n) ensino religioso nas escolas particulares; o) não existência da verba disponível para as escolas de ensino infantil e primário geral; p) a gestão do ensino pelos profissionais do mesmo ensino.

## Mulher para limpezas

Sabina Lopes, que vive numa situação difícil com quatro filhos menores, oferece-se para trabalho de limpeza em escritório ou casa particular que tenha que ser executado nas horas da manhã.

Quem necessitar dos seus serviços pode dirigir-se à rua da Barroca, 91, 1.º—Lisboa.

## TEATRO APOLÓ

TELEF. N. 4129

Companhia ALMEIDA CRUZ

HOJE e todas as noites

A pitoresca opereta

## MOURARIA

Admirável interpretação

## A vida bairrista em pleno palco

## A HORA QUE PASSA

Para todas as pessoas que aspiram a emancipação e que observem o desenvolvimento das classes produtoras, deve ser motivo de satisfação e estímulo, o certificarem-se como o trabalho da sapata da indústria reacionária, os trabalhadores respondem com um "áleria" vibrante, desportando energicamente o letargo em que se encontravam, preparando-se para a luta contra a onda negra, contra o privilégio, contra a opressão. Fazem-se preparativos para um combate próximo, dão-se os primeiros passos para uma futura actividade dignificadora.

O que constitui motivo de satisfação para os que dêtes assuntos se interessam, não é sómente o constatar a marcha progressiva das ideias libertárias, mas também por preverem que a hora da emancipação se aproxima a largos passos.

Duas vozes soam como clarins, duas vozes têm bradado a necessidade das reivindicações, duas vozes têm chamado contra a opressão: uma é a fome,—o fantasma negro e esquelético, a garra adunca que despedaça estômagos, corações, almas,—a outra é a tirania,—o latigo arbitrariamente despedido sobre as costas dos humildes, as grades de um calabouço, a deportação para regiões infernais.

O soarão, esses brados, esses gritos, esses clamores, os espíritos vibram intensamente, um arrepião frígido percorre os corpos, as mãos cerram-se e crispam-se de energia.

E que em todas as almas proletárias já abriga um anseio de liberdade, de emancipação.

O homem aspira a completa satisfação dos seus desejos de viver desafogadamente, a mulher aspira à liberdade de ações e de amor, a destruição das convenções a que está acorrentada, a crença desja uma mão que a ampare, um coração que a ame, uma casa sorriente, uma escola alegre e linda.

Agora compete aos dirigentes da actividade da classe produtora, a orientação desta, para conseguirem alcançar o cumprimento da escravidão, reivindicadora; pois se, por qualquer circunstância se deixá-lhe o caminho aos transfusos e apostófias, que são algumas dessas agremiações, que cuidam de tudo menos dos interesses dos que para lá dão dinheiro.

Manuel Domingos Ferreira veio contar-nos um caso, na verdade edificante. Adoccei-lhe um filho e chamou um médico do Montepio "A Nacional". O clínico depois de auscultar o doente aconselhou-o a não comer e a tomar água de Vidago e um medicamento.

De harmonia com a indicação do médico, a família dirigiu-se à Farmácia Latina, sita na rua de São Bento para lhe avarem a refeição.

Portém há três dias que se dirige para aquele estabelecimento visto o farmacêutico se recusar a fornecer-lhe a água de Vidago, chegando mesmo a maltratar quem lhe vai reclamar o que de direito lhe pertence.

Para que o doente não sofra, a família do referido doente terá que adquirir num outra farmácia o que o irascível farmacêutico não lhe quer dar, pagando assim duplamente: para o Montepio que não lhe dá os medicamentos e por cima ainda o insulto e a quem lhe vende o produto de que necessita.

Este farmacêutico deveria ser considerado com a medalha de Mérito, Generosidade e Filantropia.

## TEATRO NACIONAL

HOJE E AMANHÃ  
não há espetáculo

SÁBADO:

Festa de hemenagem  
à culta e inteligente actriz-em  
presária

Berta de Bivar

com o célebre drama

## A MORTE CIVIL

Protagonista: Alves da Cunha

## QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Se queres ver o vilão...

José Cândido é uma destas pessoas fadadas para os grandes cometimentos. Ainda não há muito tempo, era mestre da Fábrica Têxtil Bemposta, Lda., e, por um céstes carinhos do Destino, de súbito apareceu como sócio da fábrica, o que lhe mereceu o sobriquet de "Pequeno sócio".

Quando não era patrão, o Cândido apresentou-se como indivíduo muito cioso dos seus direitos. Mas assim que passou de categoria, esqueceu-se do passado e vê de procurar desgostar os seus amigos compatriotas, aí-lhe abandonarem a fábrica e de muitos outros actores: que é um autêntico valor no teatro português.

## TEATROS

Gimnásio

A festa de Joaquim de Oliveira

Joaquim de Oliveira é dos actores portugueses uns dos que mais se tem evidenciado pelos seus processos modernos de representar. A consciência com que interpreta os seus papéis iguala a honestidade com que os desempenha. Estuda sempre, e estuda com método, com orientação, com fervor. Por cada papel a mais que vai fazendo, as suas aptidões se robustecem, as suas qualidades se salientam. Portanto, a festa artística deste interessante artista não pode passar sem que se lhe faça a referência merecida.

O caso do dia tem já feita a crítica, como a tem a interpretação em que Joaquim de Oliveira apresenta um dos seus melhores tipos de composição. Mas o actor abalançou-se a incarnar o protagonista da peça de Bracco D. Pedro Caruso. Este acto, fortemente dramático, pincelado de situações vigorosas em que a máscara, o gesto e a voz se harmonizam num desenrolar de tragédia humana, raras vezes tão vivida em palcos, só pode ser representado por quem tenha muitas qualidades. Fê-lo Zaccioni, Ferreira da Silva e muitos outros actores de pôpulos. Quis também fazê-lo Joaquim de Oliveira e, devemos dizer, venceu com inteligência as grandes dificuldades do papel e pôde, desde este momento, marcar mais alguns valores na sua profissão de carreira artística. A cena com o "Conde", sentido como foi, honra qualquer actor por muito elevada que seja a sua categoria. Joaquim de Oliveira tem direito a que digamos dêle o que não é possível dizer de muitos outros actores: que é um autêntico valor no teatro português.

Nogueira de BRITO.

## Espectáculos de hoje

TEATROS

Teatro São Carlos.—A's 21,15.—"En  
tre os lobos."

Teatro S. Luís.—A's 21.—"Paganini."

Teatro da Trindade — A's 21,15.—"O  
Querbrant."Teatro do Gimnásio — A's 21 — "A  
Sorriente."Teatro Politeama — A's 21. — "Lour  
des."Teatro Apolo — A's 20,30 e 22,30 —  
"Mouraria."

Teatro Variedades — A's 8,30 e 10,30

— "O senhor roubado."

Teatro Avenida — A's 21,30 — "O bom  
ladrão."Coliseu dos Recreios — A's 21 — Com  
panhia de Circo.Teatro Salão Foz — A's 21. — Varieda  
des.Teatro Joaquim d'Almeida — A's 20  
e 21 — Cinema e variedades.

CINEMAS

Tivoli — Todas as noites animatógrafo.

Salão Olímpia — Todos os dias das  
2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões  
consecutivas de animatógrafo e concerto  
musical. — Rua dos Condes.Jardim Zoológico. — Exposição de ani  
mais.

Teatro Nacional

Berta de Bivar e "A morte civil".

E no sábado que se realiza no teatro Nacional, a festa de homenagem à atriz-empresária Berta de Bivar, com a primeira representação da celebre peça "A morte civil", uma das grandes criações dos eminentes artistas Zaccioni e Vico. O protagonista vai ser interpretado, pela primeira vez, pelo notável actor Alves da Cunha.

Trindade

## A notável peça "O Querbrant."

Se a peça "O Querbrant", tanto na ordem do dia, grande sucesso da actualidade, sendo a obra prima do teatro brasileiro, de Coelho Neto, é já por si um primoroso espetáculo que ninguém deve deixar de ver; e nos seus três actos, que são o reflexo da vida íntima de certa sociedade do Rio de Janeiro, a companhia Lucília Simões-Erício Braga se impõe como o maior agrupamento artístico de Portugal.

Apolo

## A Mouraria.

Mais uma noite de alegria terá hoje quem for ao Apolo: E' lá que em scena a "Mouraria", peça que possui o condão de a todos agradar, cheio de interesse e curiosidade, ao desenrolar das situações da pitoresca produção em que Lino Ferreira, Silva Tavares e Lopo Lauer deram exuberantes provas das suas aptidões como escritores teatrais.

Na "Mouraria", os que querem rir, tem a peça, largo ensejo de poder pôr. Pelo contrário, os que preferem sentir vibrar a corda sentimental, também, nessa opereta, encontram o que pretendem. Assim, a "Mouraria" com a sua linda parfura, com os seus iados, é peça para todos os palares.

Eden-Teatro

## O Rei dos Judeus

Está marcada para amanhã, no Eden-Teatro, e em duas sessões, a primeira representação da peça "O Rei dos Judeus", original em verso, em 2 actos 15 quadros, de Silveira Tavares e Carvalho Mourão. A nova produção, inédita, que José Clímaco ensaiou com a sua proficiência, e gosto artístico, está assim distribuída: "Virgem Maria", Palmira Torres; "Magdala", Elisa Carreira; "Jesus Cristo", Holbeche Bastos; "Pilatos", Valério de Rajado; "Judas", António Gomes; "Verónica", Arminida Martins; "Anaz", Mário Campos; "Um cego", Casimiro Tristão; "Pórcio", João Guerra; "Dárius", Carlos Sousa; "Mãe de Judas", Emilia Berardi; "Simão Cirineu", Agostinho Lagos; "Sílvia", Emilia Berardi; "Judeus", Jorge de Sousa e Armando Ferreira; "Uma mulher", Carolina Simas; "Samaritana", Elisa Carreira; "Anunciação", Arminida Martins.

"O Rei dos Judeus" tem quadros de grande aparelho e situações empolgantes.



# A BATALHA

## SUPERSTIÇÕES DOS POVOS

## O CULTO DOS HERÓIS E AS GLORIFICAÇÕES DA RACA

Honestamente reconhecemos que a tese dos nossos artigos, de há muitos anos para cá, assume o carácter pejorativo.

Com igual sinceridade, porém, aqui confessamos que não nos anima um espírito derrotista. Infelizmente, expondo o que sentimos e visando os factos e ocorrências pelo prisma que se nos figura mais lógico e mais justo, em vez de saír-nos um príncipe de optimismo, com o que muito folgariam, aparece-nos um comentário doloroso a tudo o que se passa.

As escolas literárias, artísticas ou filosóficas provêm do homem traduzir e interpretar o meio em que vive, independente da sua aparente, ou, melhor, da sua hipotética vontade.

Como se explicam as contundentes Sátiras de Juvenal, a não ser pela dissolução que principiava a acentuar-se no Império Romano?

Porque se tornaram célebres os Autos de Gil Vicente, se não pelo calor com que retrata e castiga os clérigos, os licensados, os fidalgos, os arzebispos, os lavradores, os ermitões, os frades, as regateiras, os almocreves e quantos mais que já no séc. seicentista cobria de ridículo, como hoje, a sociedade portuguesa?

Assim nós, dentro da nossa insignificância, mas sempre encerrados dentro do nosso critério, ao qual nem sabemos nem podemos subtraír-nos, impedidos por princípio de falsoar o que se nos figura ser a realidade do que se passa, aqui vamos pelo tempo fóra continuando a escrutar os nossos desnaturados costumes, que no final de contas são apenas a ressentida necessidade da nossa constituição étnica.

Fundo sintoma da degenerescência nos parece divisor nessa febre nacional de proclamar heróis numa época em que já não os há.

Sim! porque os heróis despontam sempre e unicamente no alvorecer das civilizações. Descem do Céu, ou surgem da Terra, vivem e morrem, praticando façanhas sem realidade prática.

Para os hebreus, o herói era — *gibbor* — o solitário, o guerreiro, e também a força divina visto que se acreditava então que do Céu é recebia o seu poder sobrenatural.

Também para os irlandeses da Verde Erine, o herói era — *geatil* — o campeão divino, aquele que do Céu recebia as suas faculdades sobrenaturais.

E os velhos Romanos diziam — o divino Baco e a divina Vénus — heróis autênticos do vinho amor!

Também ao despotizar das civilizações se confundiu o culto de heróis com a metafísica errônea de todas as religiões, já que são elas as que na História inscrevem mais nomes de heróis.

E' que estes confundem-se com os deuses e semi-deuses.

O lendário Cristo não foi menos herói do que Brama ou Buda.

Zoroastro, que com o seu Zond-Avesta; espécie de bíblia oriental, fundou a religião dos Persas, foi tão herói como Mahomet que com o seu Alcorão deu o Mahometismo aos Árabes.

E todos elas, alvo de façanhas e heroíndades que a ciência mostra serem apenas adaptações e transformações de muitos primitivos, copiados de Mithra, Christiana e outros, figuram na história como pontos culminantes a destacarem-se no alvorecer da nacionalidades e religiões.

As tradições e as lendas são o que mais alenta d'áos heróismos que chegam a atingir as proporções do invencível. Por isto os heróis só vêm a ser acreditados pela posteridade e até reverenciados como autênticos, embora sobreumanos, quando adquiriram o privilégio de dogma.

Portugal, porém, devido a várias condições étnicas e históricas, nunca evoluíram por si próprio, nem pela sua iniciativa nacional, e assim tem vindo pelas idades foras sempre isolado ou francamente influenciado pelas grandes correntes mundiais que orientam a civilização e o progresso.

Devido a estes factos, em vez de caminhar-mos à testa da civilização, caminhamos-lhe no coice, atrelados como carro e conduzidos por aqueles que nos guiam, sejam Elês Franciscos I, a Inglaterra ou o Vaticano!

E' este atraso secular que ainda nos tem no estado mental de divinizar heróis, divinização que desde há inúmeros séculos despareceu nas civilizações mais adiantadas.

Martim Moniz, tanto como o lendário Magriço continuam a ser entre nós autênticos heróis, enquanto a pseudo-heróia da França, Joana de Arc, a donzela de Orleans, já por lá passou a história e se entregou aos domínios da ciência com o nome de alucinada e visionária.

A sério entre nós adquire as proporções de imortalidade.

Nuno Álvares Pereira, que a Igreja entendeu há pouco canonizar para melhor servir os interesses do obscurantismo, não foi menos herói do que o Infante D. Henrique, da cuja lendária Escola de Sagres não há nem sequer o vestígio de um capitão ou um arqui-trave!

Todos heróis! chegamos a perder a qualidade de homens para nos elevarmos à de semi-deuses!

Vasco da Gama e Bartolomeu Dias, muito mais do que navegadores, aclamam-se entre nós apenas como heróis!

Ainda modernamente, na boa mas inocente intenção de elevar o muito ilustre e respeitado Gago Coutinho, proclamaram-no apenas herói, nivelando-o com os jogadores do Box, com os Azes do Foot-ball e das Corridas, com o que, sem querer e sem saber, o amesquinham, em vez de exaltárem como cumpriu, na sua qualidade de alto matemático, de inventor de um aparelho de orientação, de um sábio enigma!

Heróis — são entre nós os que jogam, os que nadam, os que saltam, os que dançam, os que prevaricam, os que fogem, os que avançam, os que furtam, os que matam, os que conspiram, os que se governam...

Tudo e todos em Portugal são heróis autênticos, confirmados... Dentro do nosso país vive felizmente uma raça de heróis!

\*\*\*

«Raça de heróis!» é frase já consagrada pelo retrocesso espiritual do nosso povo.

Estamos decididos a defender a sociedade contra um punhado de facciosos dominadores que audiosamente se apresentam como se fossem a Sociedade inteira. — AUGUSTO BLANQUI



## Sobre organização

III

### Aspectos resultantes do maquinismo na posse dos industriais

Os patrões possuem também os seguintes direitos administrativos, cuja importância e industrialismo moderno aumentou consideravelmente:

- 1.º Direito de fixar os preços.
- 2.º Direito de gerir o material industrial.

Sobre o primeiro ponto, o maquinismo aumentou a autoridade da classe patronal.

Antigamente o artífice tratava muita vez com o comprador e era ele quem marcava os preços. Desde a criação da grande indústria são os patrões os diretores das sociedades anônimas encarregadas de explorar as minas, a metalurgia, os caminhos de ferro, a navegação, que fixam o custo dos produtos ou dos serviços de suas indústrias respectivas, e o público é obrigado a submeter-se-lhes. Os proprietários rurais, os rendeiros os intermediários que especulam sobre os gêneros agrícolas e as matérias primas impõem também os seus preços. Nas cidades, os proprietários de solos e das casas de habitação fixam o valor dos terrenos e dos alugueis sem para isso terem que dar qualquer justificação.

Nas indústrias de consumo das cidades; a multiplicidade de empresas e a concorrência por vezes impedem os patrões de efectuar todos os aumentos que desejariam, mas nem por isso são menos senhores de fixar os seus preços e de aproveitar a ignorância comercial do público para o ludibriar constantemente sobre o verdadeiro custo dos objectos. Igual direito arroga a si o Estado nas indústrias que exploram.

A pseudo-lei de oferta e procura só em certos casos prevalece, nas compras de material e de matérias primas efectuadas entre os patrões, ou ainda quando os consumidores compram directamente os seus produtos aos trabalhadores. Estes factos, porém, não invalidam o direito geral de fixar os preços que, perante o público consumidor, possuem a classe patronal.

O aumento dos preços que os patrões acreditam ao custo de produção chama-se excedente de valor. E' por meio deste aumento que eles se atribuem lucros ou ganhos.

Sobre o 2.º ponto — Na sua qualidade de directores de produção, os patrões procedem às seguintes operações administrativas:

Compra de material, construção maquinismo, matérias primas necessárias à sua indústria;

Conservação e renovação desse material, alargamento, quando oportuno, da impresa.

O maquinismo impõe locais especiais, fábricas, manufaturas, uma ferramenta considerável e enorme quantidade de matérias primas. Todas estas necessidades técnicas, portanto, aumentaram, consideravelmente a importância do poder que os patrões possuem de gerir a ferramenta industrial.

H. DUFOUR

## Ecos da revolução

### Uma atitude elevada

O nosso preso camarada Arnaldo Simões Januário, que se encontra na esquadra do Pátio de D. Fradique sob prisão, acusado pela polícia de Coimbra de distribuir manifestos, cuja doutrina era ofensiva para o governo, enviou-nos cópia de uma carta que ele dirigiu à *Gazeta de Coimbra*, em resposta a uma nota oficial do Ateneu Comercial daquela cidade, inserida no referido jornal. A carta do nosso camarada Arnaldo Simões Januário é assim redigida:

*Ex.º Sr. João Ribeiro Arrobas, digníssimo director da "Gazeta de Coimbra" — Tendo lido no seu conceituado jornal de 20 de outubro uma "nota oficial" do Ateneu Comercial, na qual a direcção desta colectividade desmente ter interferido em qualquer "démarche" feita para reclamar a minha liberdade, peço a V. Ex.º a subida imediata de inserir nas colunas do seu jornal umas breves palavras que julgo necessárias que são as seguintes:*

*Que a direcção do Ateneu Comercial desminta ter prestado a sua solidariedade ao protesto levado a efeito por algumas associações operárias de Coimbra, está bem, uma dum plenissimo direito. O que, porém, reputo desnecessário e inopportuno é o quasi oferecimento daquela direcção quando afirma que só de baixo do ponto de vista humanitário e da situação em que fica a família daquela senhor, poderia interferir em tal assunto.*

*Sr. director: As manifestações de solidariedade moral que algumas pessoas e colectividades entenderam por bem manifestarem neste transe, sensibilizaram-me bastante. Para essas vai toda a minha gratidão.*

*Agora demonstrações de consideração pela minha pessoa e pela minha família, idênticas às do Ateneu Comercial, essas repto-as por vexatórias.*

*Sem outro assunto, esperando agradecer a publicação destas linhas, sou, com a maior consideração,*

D. V. Ex.  
Cr.º At.º e Obr.  
Arnaldo Simões Januário.

Lisboa, 6-7-927.

A propósito da prisão deste nosso camarada, é oportuno dizer que não se refinaram ainda os necessários elementos de culpa para manter a sua prisão.

Todavia J. A. S. Januário continua detido e que não se compreende muito bem.

### Ferroviários do Sul e Sueste

Uma comissão delegada da Federação Ferroviária e de elementos dos ferroviários do Sul e Sueste, entrevistou-se ontem com o sr. ministro do Interior sobre a reabertura do Sindicato do Sul e Sueste, fazendo-lhe a entrega dum exposição neste sentido. O referido ministro prometeu ir providenciar, devendo a comissão voltar ali brevemente.

D. V. Ex.  
Cr.º At.º e Obr.  
Arnaldo Simões Januário.

Lisboa, 6-7-927.

A propósito da prisão deste nosso camarada, é oportuno dizer que não se refinaram ainda os necessários elementos de culpa para manter a sua prisão.

Todavia J. A. S. Januário continua detido e que não se compreende muito bem.

### Ferroviários do Sul e Sueste

Uma comissão delegada da Federação Ferroviária e de elementos dos ferroviários do Sul e Sueste, entrevistou-se ontem com o sr. ministro do Interior sobre a reabertura do Sindicato do Sul e Sueste, fazendo-lhe a entrega dum exposição neste sentido. O referido ministro prometeu ir providenciar, devendo a comissão voltar ali brevemente.

D. V. Ex.  
Cr.º At.º e Obr.  
Arnaldo Simões Januário.

Lisboa, 6-7-927.

A propósito da prisão deste nosso camarada, é oportuno dizer que não se refinaram ainda os necessários elementos de culpa para manter a sua prisão.

Todavia J. A. S. Januário continua detido e que não se compreende muito bem.

### Ferroviários do Sul e Sueste

Uma comissão delegada da Federação Ferroviária e de elementos dos ferroviários do Sul e Sueste, entrevistou-se ontem com o sr. ministro do Interior sobre a reabertura do Sindicato do Sul e Sueste, fazendo-lhe a entrega dum exposição neste sentido. O referido ministro prometeu ir providenciar, devendo a comissão voltar ali brevemente.

D. V. Ex.  
Cr.º At.º e Obr.  
Arnaldo Simões Januário.

Lisboa, 6-7-927.

A propósito da prisão deste nosso camarada, é oportuno dizer que não se refinaram ainda os necessários elementos de culpa para manter a sua prisão.

Todavia J. A. S. Januário continua detido e que não se compreende muito bem.

### Ferroviários do Sul e Sueste

Uma comissão delegada da Federação Ferroviária e de elementos dos ferroviários do Sul e Sueste, entrevistou-se ontem com o sr. ministro do Interior sobre a reabertura do Sindicato do Sul e Sueste, fazendo-lhe a entrega dum exposição neste sentido. O referido ministro prometeu ir providenciar, devendo a comissão voltar ali brevemente.

D. V. Ex.  
Cr.º At.º e Obr.  
Arnaldo Simões Januário.

Lisboa, 6-7-927.

A propósito da prisão deste nosso camarada, é oportuno dizer que não se refinaram ainda os necessários elementos de culpa para manter a sua prisão.

Todavia J. A. S. Januário continua detido e que não se compreende muito bem.

### Ferroviários do Sul e Sueste

Uma comissão delegada da Federação Ferroviária e de elementos dos ferroviários do Sul e Sueste, entrevistou-se ontem com o sr. ministro do Interior sobre a reabertura do Sindicato do Sul e Sueste, fazendo-lhe a entrega dum exposição neste sentido. O referido ministro prometeu ir providenciar, devendo a comissão voltar ali brevemente.

D. V. Ex.  
Cr.º At.º e Obr.  
Arnaldo Simões Januário.

Lisboa, 6-7-927.

A propósito da prisão deste nosso camarada, é oportuno dizer que não se refinaram ainda os necessários elementos de culpa para manter a sua prisão.

Todavia J. A. S. Januário continua detido e que não se compreende muito bem.

### Ferroviários do Sul e Sueste

Uma comissão delegada da Federação Ferroviária e de elementos dos ferroviários do Sul e Sueste, entrevistou-se ontem com o sr. ministro do Interior sobre a reabertura do Sindicato do Sul e Sueste, fazendo-lhe a entrega dum exposição neste sentido. O referido ministro prometeu ir providenciar, devendo a comissão voltar ali brevemente.

D. V. Ex.  
Cr.º At.º e Obr.  
Arnaldo Simões Januário.

Lisboa, 6-7-927.

A propósito da prisão deste nosso camarada, é oportuno dizer que não se refinaram ainda os necessários elementos de culpa para manter a sua prisão.

Todavia J. A. S. Januário continua detido e que não se compreende muito bem.

### Ferroviários do Sul e Sueste

Uma comissão delegada da Federação Ferroviária e de elementos dos ferroviários do Sul e Sueste, entrevistou-se ontem com o sr. ministro do Interior sobre a reabertura do Sindicato do Sul e Sueste, fazendo-lhe a entrega dum exposição neste sentido. O referido ministro prometeu ir providenciar, devendo a comissão voltar ali brevemente.

D. V. Ex.  
Cr.º At.º e Obr.  
Arnaldo Simões Januário.